

Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento

Ensino de Psicopatologia no curso de Psicologia (*)

*JOSÉ CARLOS GOMES DA COSTA (**)*

O meu interesse pela Psicopatologia começou pela minha própria psicopatologia, quando em fins do Outono de 1976, com a chegada dos primeiros ventos frios do Norte, me dirigi ao Eugénio Cruz Filipe e lhe pedi para fazer uma grupanálise.

Sou docente na cadeira de Psicopatologia da Criança e do Adolescente, no 4.º ano da área de Clínica, desde 1984, colaborando com o Prof. doutor Victor Moita, responsável pela mesma cadeira.

Gostaria de centrar esta minha intervenção em dois aspectos, objecto da nossa preocupação no decorrer destes anos de trabalho em comum.

O primeiro, liga-se ao fundamento epistémico da Psicologia do Desenvolvimento. Há, neste domínio, uma certa confusão entre o paradigma médico-psiquiátrico e o paradigma psicológico, para a análise e compreensão dos fenómenos da organização e da desorganização psíquica. Desta confusão resulta muitas vezes uma competição estéril, desencontrada de objectivos válidos, que deixa de lado homens e mulheres, crianças e idosos, atingidos pelo sofrimento psíquico. No campo de batalha da saúde

mental, o único combate frutífero é o combate pela competência empenhada na dádiva de nós mesmos, e tem que ser travado em equipa multidisciplinar onde enfermeiros, médicos, psicólogos e outros técnicos encontrem o seu lugar.

É então necessário que os psicólogos saibam qual a especificidade da sua leitura sobre o desenvolvimento e o adoecer psicológico e quais os métodos a utilizar que lhes permitam fazer essa leitura, para podermos então, identificados com a originalidade da nossa contribuição, produzir um discurso científico alicerçado e tecnicamente operante, propiciando uma visão que será assim multidimensional sobre o Homem.

Em nosso entender, o paradigma em que assenta a Psicologia e a Psicopatologia do Desenvolvimento, alicerça-se num modelo semiótico, em que o objecto de estudo se encontra sempre num contexto de significação.

Pensamos que a Teoria do Signo Linguístico — enunciada por F. de Saussure no seu Curso de Linguística Geral, entre 1906 e 1911, na Universidade de Genebra — tem uma larga aplicabilidade na leitura do sintoma em Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento. Nesta perspectiva, o sintoma é um significante que está ligado a um significado por uma relação de significação. O terreno de

(*) Comunicação apresentada no Colóquio Ensino de Psicopatologia no curso de Psicologia, ISPA, 29 de Novembro de 1989.

(**) Psicólogo Clínico

investigação, será então o da procura da significação do sintoma, ou a procura do sentido, ou ainda da relação do sintoma com o seu significado original.

A perturbação é aqui vista como algo que afecta o Homem todo, a sua relação consigo mesmo e com o mundo em que se insere. O doente é o destinatário de uma mensagem codificada pelo processo primário e sujeita a três leis:

- 1.^a Lei da Condensação — um significante pode expressar vários significados;
- 2.^a Lei do Deslocamento — um significado pode expressar-se por vários significantes;
- 3.^a Lei da Figuração — transforma o discurso em narrativa. A mensagem está codificada pela simples aplicação de símbolos, como acontece na escrita hieroglífica, permitindo uma leitura irradiante.

Já o monge dominicano Tomás de Aquino, que viveu entre os anos de 1224 e 1274, definia o *signo* como alguma coisa que está em vez de outra — «*aliquis pro aliquod*».

Um segundo aspecto, liga-se a questões de ordem ética.

A Psicologia e a Psicopatologia não são, obviamente, ciências normativas. Situamo-nos ali no plano do ser, e não do dever-ser. E se

as teorias são modos de dizer a realidade, o exercício prático da Psicologia e da Psicopatologia deve centrar-se no Homem e no valor inquestionável da Vida, da Liberdade e da Dignidade.

Temos de ter a noção que os vários modelos explicativos da organização psíquica e do comportamento, são só isso: exactamente modelos explicativos. São teorias. São metáforas da realidade psicológica, cujo valor é directamente proporcional ao da sua operacionalidade. Teorias que só são válidas enquanto se revelam eficazes e operantes. Mas, porque o Homem não cabe em metáforas, estas não são a realidade. São um modo de a explicar.

A tentativa de compreensão e ajuda psicológica deve organizar-se a partir do Homem e do seu sofrimento, e só em segundo plano recorrerá às teorias que se ajustem àquela situação concreta. O mesmo é dizer que devem ser as teorias a adaptarem-se ao Homem e não o Homem às teorias, sob pena de se sacrificar aquilo que no Homem há de mais genuíno.

Torna-se necessário olhar criticamente para a nossa fantasia onipotente que nos faz detentores da verdade que a todos serve, e converter o nosso saber em serviço da verdade que em todos se encontra.